



Atleta da equipe alemã de vela limpa o barco após treino na baía de Guanabara

Ricardo Borges/Folhapress

## Atletas estrangeiros veem duas faces do Rio

**OLIMPIÁDA** Gringos que disputarão os Jogos elogiam cariocas, mas criticam desigualdade, violência e poluição

SÉRGIO RANGEL  
DO RIO

Um monge budista canoísta, de chinelo e bermuda, surpreende-se com as belezas naturais e as desigualdades da sede da Olimpíada.

Um latista suíço dorme dentro de um mosquito para fugir do mosquito transmissor do vírus da zika e toma "banho" com loção especial após os treinos na baía de Guanabara, para evitar contaminação.

Eles fazem parte de um grupo de dezenas de atletas estrangeiros que passaram as duas últimas semanas treinando pelo Rio em busca de uma medalha na Olimpíada e que experimentaram problemas e alegrias da cidade.

Personagem raro no mundo dos Jogos, o monge japonês Kazuwi Yazawa, 27, teve rotina de suburbano carioca, como a maioria dos canoístas que estiveram até sexta (8) nos treinos abertos no circuito olímpico da modalidade.

Eles testaram a corredeira artificial construída em Deodoro, a região mais carente envolvida no evento, e encontraram pouco tempo para curtir os cartões postais.

Hospedado num shopping vizinho do Complexo do Alemão, na zona norte, o monge-canoísta encarou o "imprevisível" trânsito da avenida Brasil no trajeto para treinar, escutou do seu quarto os tiros das favelas dos arredores e atravessou a cidade para relaxar na praia nos raros momentos de folga.

"Ouvimos muito sobre a violência do Rio, mas não testemunhei nada. Ficamos quase o tempo inteiro no hotel e nos sentimos protegidos", disse Yazawa, que disputará sua terceira Olimpíada, a primeira após se tornar monge.

Apesar de elogiar a receptividade carioca, ele não es-

condia o desconforto com a desigualdade. Da janela de seu quarto, avista as favelas do Alemão. "É difícil falar alguma coisa. Só posso dizer que aquelas pessoas têm que lutar pelos seus direitos."

Mesmo sem saber português, os japoneses se espantam com a violência vista nos noticiários. Depois do almoço de sexta (8), comentavam a execução de um homem no estacionamento de um shopping em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense.

As imagens de dois homens vestidos com camisas falsas da Polícia Civil a tirando haviam sido exibidas pelos telejornais no dia anterior. "Aquilo foi impressionante", disse Yuki Yazawa, 24, que é irmã do canoísta e também integra a equipe.

"Às vezes, escutamos barulhos bem alto de madrugada no nosso quarto. Seriam fogos ou tiros?", questionou.

A praça de alimentação de um shopping próximo a Deodoro foi usada pelo grupo nos últimos dias como um centro de treinamento improvisado.

Lá, eles almoçavam, se reuniam com os treinadores para analisar os vídeos das sessões e se recuperavam fisicamente entre os treinos.

“Os brasileiros com que tivemos contato são bons. Mas é triste ver pessoas morando debaixo da ponte, garotos jogando bola na rua sem sapatos. Espero que os Jogos ajudem essas pessoas de alguma forma”

JAN BENZIEN, 33  
Canoísta alemã



O canoísta Kazuwi Yazawa, 27, estende roupas de treino

Ricardo Borges/Folhapress

## Latistas reclamam de sujeira na baía de Guanabara

DO RIO

A menos de um mês da Olimpíada, latistas estrangeiros ainda reclamam da sujeira da água da baía de Guanabara — a sua despoluição é um dos principais fracassos em termos de legado.

"Nos últimos dias, a água esteve suja demais. No domingo (3), voltamos com o barco com enormes manchas de gasolina. Se fosse durante a Olimpíada, a regata teria

que ser cancelada", disse a alemã Anika Lorenz.

"Estive aqui no ano passado e nada mudou. A sujeira é a mesma. O pior é que não vejo limparem", disse a alemã Carolina Werner, competidora na categoria mista Nacra17, que estreia no Rio-2016.

Apesar das críticas, os organizadores dos Jogos afirmam que as regatas serão disputadas em águas limpas.

Temendo uma possível contaminação, os atletas fo-

ram proibidos pelos chefes das suas equipes de mergulharem na água da baía.

"Nem se conquistarmos uma medalha vou poder comemorar com o tradicional mergulho na água", disse Werner.

Já os suíços instalaram mosquiteiros nas suas camas para evitar a dengue e a zika. Passam também uma loção especial para "eliminar bactérias e vírus" quando deixam a água.

"Ninguém foi vítima da violência, mas o nosso treinador presenciou, em maio, um motorista sendo assaltado por um grupo. Isso nos impressiona", acrescentou.

latistas estrangeiros também treinam, há duas semanas, as regatas nas raias olímpicas da baía de Guanabara. A poluição não é o único "desafio carioca". Suíços instalaram mosquiteiros nas camas contra a dengue e a zika e passam uma loção especial para "eliminar bactérias e vírus" quando deixam a água.

"Temos que tomar todos os cuidados porque ninguém pode ficar doente na competição. Se ficar fora de uma regata, o atleta pode perder a chance de ganhar medalha", disse o técnico Sebastian Pe-

ri Brusa, da delegação suíça.

NOITADA

Apesar da rotina puxada, os atletas aproveitam o Rio. Nas horas de folga, visitaram praias, o Pão de Açúcar e o bairro boêmio da Lapa.

"As montanhas são fascinantes. Cheguei a subir na Pedra Bonita, mas não tive coragem de pular [de uma delat]", disse Benzien. "Gostei também de ver a alegria da Lapa. Cheguei a beber calpirinha, que é uma delícia".

Os latistas também estão adaptados ao ritmo brasileiro. Treinando em Niterói, vizinha ao Rio, eles vão correndo diariamente para o clube.

"Temos tudo aqui. Além disso, aproveitamos os restaurantes da cidade e a vista que é bem bonita", contou a polonesa Irmína Mrózek.

"Aqui é tranquilo. Mas já ouvi dois tiros quando estava lavando o barco. Não avisei a minha mãe sobre isso", disse a alemã Victoria Jurczok dando uma discreta risada.

Os canoístas japoneses gostaram da praia da Barra da Tijuca. "Não estamos aqui para nos divertir, mas aquela praia é muito boa. Quando temos tempo, gostamos de relaxar lá", disse Haneda.

Apesar de lamentar a situação, o técnico argentino Sebastian Peri Brusa diz que os atletas terão que se conformar com o cenário.

"Já vimos de tudo aqui. Garrafas, piscinas de plástico e até cama. Quem está aqui sabe o que vai encerrar e está se preparando para isso. O importante é montar a melhor estratégia possível para superar isso", disse o argentino, que comanda parte dos latistas suíços. (SB)